

## **LEITURAS DO DRAMA CONTEMPORÂNEO: A LEITURA DRAMÁTICA COMO DISPOSITIVO NO FOMENTO À FORMAÇÃO DE LEITORES**

MILENA DE CASTRO VAZ<sup>1</sup>; FERNANDA VIEIRA FERNANDES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – milenadecastrovaz@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - fvfernandes@ufpel.edu.br

### **1. INTRODUÇÃO**

Este resumo tem como objetivo refletir de forma mais ampla sobre a formação de leitores no Brasil e, de uma forma mais específica, como a leitura dramática pode contribuir nesse processo. A discussão parte de estudos e de algumas das ações implementadas presencial e virtualmente pelo projeto de pesquisa *Leituras do drama contemporâneo*, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Vieira Fernandes, do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - sendo a autora, bolsista PIBIC-CNPq do projeto.

Desde 2015, além de sua pesquisa teórica, o projeto realiza leituras dramáticas abertas à comunidade, tanto na universidade, como em escolas e outros espaços de Pelotas e região, proporcionando ao público uma forma diferente de conhecer um texto. Em 2020, por conta da pandemia de COVID-19, o projeto teve que se adaptar ao meio virtual para seguir com suas atividades.

Neste trabalho, propõe-se apresentar um breve olhar histórico e social sobre a leitura como um todo em nosso país, evidenciando a precariedade que acaba por afastar a maioria das pessoas da leitura enquanto hábito. Também se observa que a literatura dramática sofre um apagamento nessa formação de leitores, com pouco ou nenhum espaço em disciplinas da educação básica, como literatura, por exemplo. A partir disso, pretende-se mostrar que iniciativas como as do supracitado projeto de leituras da UFPel podem auxiliar na difusão de textos dramáticos junto ao público, incentivando a busca pelo prazer da leitura e escuta.

A pesquisa dialoga com VIDOR (2016), que trata sobre a aproximação e apropriação do texto literário; ROSA (2006), versando sobre questões históricas; GRAZIOLI (2019), sobre a leitura do texto dramático na escola; e FERNANDES (2021), acerca das ações do *Leituras* e dos dados estatísticos sobre leitores no Brasil.

### **2. METODOLOGIA**

A escrita deste trabalho envolve estudos coletivos implementados junto aos discentes do projeto, e individuais, realizados pela bolsista de iniciação científica. No primeiro âmbito, a metodologia segue uma proposta de atividades teóricas, compreendendo leituras e discussões sobre a dramaturgia na contemporaneidade, em especial sobre as características diversas encontradas em textos teatrais - que são analisados pelo grupo -, e atividades práticas, que dizem respeito especialmente à produção de leituras dramáticas, através de ensaios e apresentações públicas. Essa parte prática e artística pretende, justamente, ampliar o alcance da pesquisa, difundir a literatura dramática da atualidade e contribuir à formação de leitores.

O viés individual engloba a pesquisa da autora, juntamente com sua orientadora, que trata de um recorte acerca do processo histórico de formação de leitores no Brasil e do espaço que a leitura dramática ocupa nesse cenário. São realizadas leituras e fichamentos por parte da bolsista, concentrando o olhar ao tema.

Os autores lidos e mencionados na Introdução foram discutidos com a orientação e relacionados à parte prática coletiva da pesquisa para a produção deste resumo expandido.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura é um hábito pouco cultivado no Brasil. Para compreender alguns dos fatores que geraram essa não-tradição leitora, faz-se necessário um breve apanhado de informações históricas sobre a leitura no Ocidente e em nosso país. Segundo ROSA (2006), a leitura em voz alta é uma atividade ligada à própria evolução da sociedade. A alfabetização, por muito tempo, esteve reservada apenas aos aristocratas e religiosos. As pessoas letradas eram raras e a leitura em voz alta era comum. A leitura silenciosa se tornou usual no século X e se consolidou de fato depois do século XIII. Antes disso, o ato de ler em silêncio era incomum. Seja por falta de letramento, seja por imposições da Igreja Católica, era através da oralidade que algumas obras, em especial poéticas e religiosas, eram conhecidas.

No Brasil, somente em 1808, com a chegada da família real portuguesa, foi autorizada a criação de imprensa e a circulação de livros. Ainda de acordo com ROSA (2006), cerca de 90% da população era analfabeta naquela época. Ou seja, mesmo que estivesse liberada a circulação de obras impressas, não existia público consumidor. O hábito de leitura estava restrito apenas aos mais afortunados, membros da Corte e intelectuais. A tradição leitora disseminava-se, majoritariamente, em eventos sociais e culturais denominados de saraus. A presença era das famílias abastadas. A leitura dramática também aparecia como um ponto alto nessas ocasiões. O pesquisador menciona algumas tentativas de popularização de leituras dramáticas feitas na Bahia, mas isso ocorreu apenas em 1956, por iniciativa da primeira turma do curso de interpretação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. A ação consistia na realização de leituras dramáticas dentro de ônibus da comunidade, em meio aos passageiros.

Apresenta-se esses dados para mostrar que, mesmo quando a leitura chegou ao Brasil, ela seguiu completamente inacessível aos diversos setores da sociedade. Hoje, ainda não se pode dizer que ela faça parte dos hábitos cultivados pela população. A professora Heloíse VIDOR (2016) destaca que na pesquisa *Públicos de cultura: hábitos e demandas*, publicada em 2014, apenas 0,3% das pessoas escolheram a leitura como sua primeira opção cultural e 31% responderam que nunca leram um livro por prazer. FERNANDES (2021) mostra um levantamento sobre os hábitos de leitura no Brasil a partir da análise de dados de pesquisas:

A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), empreendida pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, entrevistou 8076 pessoas de 208 municípios brasileiros e revelou que, entre os classificados como não leitores, que correspondem aos que declararam não ter lido nenhum livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa, 34% não o fez por falta de tempo, 28% por não gostar, 16% por não saber ler e 14% por não ter paciência (sendo esses os motivos principais apontados). [...] A pesquisa mostra ainda que o número de leitores é maior conforme aumenta a renda familiar dos entrevistados. Nas sociedades marcadas pela desigualdade social, como é o caso do Brasil, a fruição da leitura fica comprometida, vinculando-se à imagem de que a leitura está restrita a uma população erudita. (FERNANDES, 2021, p. 292).

Outro fator que contribui para os baixos índices de leitura tem a ver com a obrigatoriedade e com a forma a qual a leitura é introduzida na escola. Muitas vezes isso ocorre de forma mecânica e objetiva, visando apenas a execução de tarefas ou avaliações, sem a preocupação com a fruição. Soma-se a isso o fato de que certos livros são considerados chatos e não conversam com a realidade dos jovens.

A forma como a escola, em geral, lida com a leitura não seria diferente de como está montada sua estrutura, bastante engessada: o professor à frente e em pé, com seu quadro, e os alunos sentados, em fileiras, de costas uns para os outros, em formato quadrado e que não estimula a criatividade e a troca entre os sujeitos. Com isso não se pretende criticar os profissionais educadores, já bastante desvalorizados no país, mas sim o sistema que nem mesmo oferece uma infraestrutura para se propor novos formatos - considerando a precariedade das escolas, em especial as públicas, no Brasil e a falta de condições de trabalho aos docentes. Há muito para se refletir sobre outras metodologias para serem utilizadas, abrangendo mais liberdade, êxtase e entusiasmo.

A literatura dramática, nesse contexto, tem pouca presença no currículo escolar. Ainda que esteja prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em diferentes fases da formação escolar, existe um abismo entre o que está previsto e o que é aplicado na prática. GRAZIOLI observa que “[...] prosa e poesia, embora muitas vezes conduzidas de modo equivocado, ainda têm seu espaço, ao passo que a dramaturgia é negada aos estudantes em praticamente todos os níveis de ensino” (GRAZIOLI, 2019, p. 81). No Ensino Médio, mesmo que exista certo contato com o texto teatral, se a metodologia utilizada parte exclusivamente do viés teórico, acaba não promovendo a aproximação do aluno com a leitura do texto teatral, muito menos em voz alta. Esses fatores reverberam na falta de espaço dos textos teatrais. E, quando eles aparecem, estão vinculados à disciplina de Artes e com um foco maior na encenação teatral, e não na leitura propriamente dita.

O surgimento do projeto de pesquisa *Leituras do drama contemporâneo* dialoga com essa realidade. Entre outros motivos, a criação dele partiu da observação da professora Fernanda Vieira FERNANDES sobre o pouco interesse de alunos para com a leitura, considerando-a chata e difícil. A leitura dramática seria uma forma diferenciada de se ter contato com o texto. A pesquisadora ressalta que

[...] a leitura, seja ela dramática ou não, quando realizada em voz alta, de forma compartilhada entre as pessoas, tem uma tendência a ser mais bem compreendida. A vocalização passa pelo corpo de quem lê e de quem escuta, somada ao fato de agregar os sujeitos, colocá-los no espaço coletivo [...]. (FERNANDES, 2021, p. 294).

Primeiramente, o recorte estava em propiciar que estudantes da universidade tivessem essa oportunidade de ler um texto teatral em voz alta para que outros pudessem assistir/ouvir, formando, portanto, leitores e ouvintes, já que “esta forma de fruição poderia [...] ser um pequeno passo na busca do prazer pela leitura” (FERNANDES, 2021, p. 294). Além disso, dá protagonismo ao texto dramático contemporâneo, com a escolha de obras produzidas a partir do final do século XX. Com a ampliação das ações, as leituras passaram a ocorrer em escolas e outros espaços, entre eles o virtual. Em geral, após as leituras presenciais, os membros do projeto costumam realizar bate-papo com o público e o retorno é bastante positivo. Seguidamente as pessoas se dizem envolvidas na trama, curiosas, e destacam que sua imaginação foi atizada pela leitura. Algumas relatam a dificuldade de

concentração, o que também é comum, pois a leitura em voz alta não é um hábito entre adultos.

#### 4. CONCLUSÕES

O impacto da história da leitura no Brasil reverbera até os dias atuais e, somada aos modelos de educação que tendem à leitura silenciosa e mecânica, afastam as pessoas desse hábito. Deve-se considerar que, num país marcado por fortes desigualdades sociais, a leitura não é priorizada. A literatura dramática tem ainda menos espaço no meio educacional, bastante apagada em disciplinas como a literatura, que deveria abarcar todos os gêneros literários, mas que, normalmente, segundo relatos de estudantes secundaristas e universitários, não ganha espaço.

Iniciativas como as do projeto *Leituras do drama contemporâneo* possibilitam a difusão de obras e autores, ao mesmo tempo que contribuem para o interesse de novos sujeitos leitores e ouvintes. O curso de licenciatura da UFPel forma professores que poderão atuar como multiplicadores dessas ações em suas experiências profissionais. As práticas de leituras dramáticas e de outras leituras em voz alta fomentam o prazer da leitura e da escuta, como comenta VIDOR: “Nosso desafio é e continua sendo, justamente, fazer com que essas composições levem à sensação, por parte dos alunos, de que é possível associar prazer e aprendizado” (VIDOR, 2016, p.176).

Este resumo apresenta estudos de iniciação científica em andamento e que seguirão com reflexões e considerações, por avaliar que a escassez de contato com textos teatrais e o distanciamento da população com a leitura é um tema de suma importância. Retratar esse apagamento e buscar formas de colocá-lo em pauta é uma maneira de resistir e cultivar o hábito da leitura, disseminando-o.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, F.V. A leitura dramática e a formação de leitores: práticas e experiências na pesquisa e extensão. **Revista Textura**. Canoas, v. 23, n. 54, p. 289-305, 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/6225>. Acesso em 03 ago. 2021.

GRAZIOLI, F.T. **Teatro de se ler**: o texto teatral e a formação do leitor [E-book]. 2.ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2019. Disponível em: <http://www.editora.upf.br/index.php/e-books-topo/68-literatura/210-teatro-de-se-ler-2>. Acesso em 03 ago. 2021.

ROSA, G.A. **Leitura dramática**: um recurso para revelação do texto. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - PPGAC, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9448>. Acesso em 03 ago. 2021.

VIDOR, H.B. **Leitura e teatro**: aproximação e apropriação do texto literário. São Paulo: Hucitec; Florianópolis: Fapesc, 2016.